



DACEC

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUÍ**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 28/09/2018 a 04/10/2018

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²

¹ Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, bacharel em economia pela UNIJUÍ, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUÍ e aluna do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUÍ e ADM – Administração UNIJUÍ.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
28/09/2018	8,45	305,40	28,68	5,09	3,56
01/10/2018	8,57	310,50	29,01	5,09	3,65
02/10/2018	8,66	311,20	29,36	5,19	3,67
03/10/2018	8,61	307,50	29,52	5,15	3,64
04/10/2018	8,59	308,40	29,28	5,18	3,67
Média	8,58	308,56	29,17	5,14	3,64

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos
Libra peso = 0,45359 quilo

bushel de milho = 25,40 quilos
tonelada curta = 907,18 quilos

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

Médias semanais (compra e venda) no mercado de lotes brasileiro - em praças selecionadas (em R\$/Saco)

SOJA	Média*	Var. % relação valor anterior
RS - Passo Fundo	88,00	-1,1
RS - Santa Rosa	86,00	-2,8
RS - Ijuí	86,00	-2,8
PR - Cascavel	87,50	-1,1
MT - Rondonópolis	79,00	-2,5
MS - Ponta Porã	85,00	+1,2
GO - Rio Verde (CIF)	86,00	0,0
BA - Barreiras (CIF)	70,00	-1,4
MILHO		
Argentina (FOB)**	162,00	-0,6
Paraguai (FOB)**	132,50	0,0
Paraguai (CIF)**	172,50	0,0
RS - Erechim	43,00	+2,4
SC - Chapecó	41,00	+2,5
PR - Cascavel	34,00	0,0
PR - Maringá	34,00	0,0
MT - Rondonópolis	27,50	0,0
MS - Dourados	30,00	0,0
SP - Mogiana	36,00	-2,7
SP - Campinas (CIF)	38,00	-4,5
GO - Goiânia	32,00	0,0
MG - Uberlândia	35,50	+1,4
TRIGO (***)		
RS - Carazinho	850,00	0,0
RS - Santa Rosa	850,00	0,0
PR - Maringá	950,00	0,0
PR - Cascavel	900,00	0,0

03/10/2018

ND = Não Disponível.

(*) Valor de compra.

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. ** Preço

médio em US\$/tonelada. *** Em reais por tonelada

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 04/10/2018

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	38,16	81,67	42,20

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 04/10/2018

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	44,45
Feijão (saco 60 Kg)	139,38
Sorgo (saco 60 Kg)	29,19
Suíno tipo carne (Kg vivo)	3,05
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,26
Boi gordo (Kg vivo)*	4,65

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, em Chicago, subiram um pouco nesta semana, embora a série de notícias baixistas divulgadas neste início de outubro. A alta, na verdade, se deu em cima de especulações quanto a ocorrência de chuvas importantes nas regiões produtoras dos EUA, as quais podem frear o ritmo da maior colheita da história local. Na prática, o mercado busca qualquer motivo para animar um pouco as cotações, após um recuo sensível nos últimos meses.

Ajudou igualmente a forte elevação das cotações do óleo de soja, puxadas pelo aumento nos preços do petróleo, os quais ultrapassaram os US\$ 80,00/barril, valor que não era visto desde 2014. De fato, a libra-peso do óleo de soja, em Chicago, bateu em 29,52 centavos de dólar no dia 03/10, valor que não era visto desde o dia 18/06 passado.

Assim, o grão, em seu primeiro mês cotado, fechou a quinta-feira (04) em US\$ 8,59/bushel, contra US\$ 8,55 uma semana antes. A média de setembro ficou em US\$ 8,34, após US\$ 8,61 em agosto e US\$ 9,62/bushel na média de setembro de 2017. Desta forma, em relação ao mesmo mês do ano passado, a média do bushel de soja recuou 13,3%.

Animou um pouco o mercado, igualmente, o fato das exportações estadunidenses de soja terem ficado em níveis adequados. Além disso, foi anunciado vendas de farelo de soja dos EUA para a Argentina, um grande exportador deste subproduto e que enfrenta, neste ano, dificuldades de oferta interna devido as fortes perdas ocorridas na safra de soja do último ano. As exportações líquidas do grão, para o ano comercial 2018/19, chegaram a 870.700 toneladas nos EUA, na semana encerrada em 20/09.

Dito isso, até o dia 30/09 a colheita avançava muito bem, atingindo a 23% da área semeada, contra a média histórica de 20% para esta época do ano. Até a data indicada, 68% das lavouras a colher continuavam em condições entre boas a excelentes.

Ao mesmo tempo, o anúncio de estoques trimestrais, na posição 1º de setembro, acima do esperado pelo mercado, ajudou a frear as altas e mostra que não há motivos de médio prazo que possam dar suporte a um movimento consistente de alta em Chicago (salvo problemas na colheita estadunidense).

Tais estoques apontaram um volume de 11,9 milhões de toneladas, sendo 45% superiores ao que existia na mesma data de 2017. O mercado esperava um volume de 10,7 milhões de toneladas. Nesta posição, são os maiores estoques de soja em 11 anos nos EUA.

Enfim, a semana terminou com algum entusiasmo quanto ao novo acordo comercial assinado entre os países do NAFTA (EUA, México e Canadá), o qual poderá oferecer maiores vantagens aos produtos agrícolas estadunidenses. Mas o ritmo acelerado da colheita, a falta de confirmação de chuvas que estejam atrapalhando a colheita, e o início de plantio da nova safra brasileira de soja, a qual se espera seja um recorde, pressionou as cotações em Chicago.

Já no Brasil, o anúncio das pesquisas eleitorais próximas à data da eleição presidencial, em primeiro turno, levam o mercado financeiro a se reposicionar. Com suas preferências eleitorais, neste momento, liderando as pesquisas o câmbio cedeu significativamente nestes últimos dias. O Real chegou a ser cotado a R\$ 3,82 durante a semana, fechando a quinta-feira (04) ao redor de R\$ 3,88 contra quase R\$ 4,20 há poucos dias. Isto significa uma revalorização da moeda brasileira ao redor de quase 8% em curto espaço de tempo.

Diante disso os preços da soja no mercado brasileiro cederam, pois a leve alta em Chicago não foi suficiente para contrabalançar o movimento cambial. Assim, o balcão gaúcho recuou para a média de R\$ 81,67/saco nesta primeira semana de outubro, enquanto os lotes ficaram entre R\$ 86,00 e R\$ 88,00. Nas demais praças nacionais os lotes oscilaram entre R\$ 73,00/saco em Sorriso (MT) e R\$ 88,00/saco no norte do Paraná e na região catarinense de Campos Novos, passando por R\$ 83,00 em São Gabriel (MS); R\$ 84,00 em Goiatuba (GO); R\$ 78,00 em Uruçuí (PI); e R\$ 77,00/saco em Pedro Afonso (TO).

Até o dia 28/09 o plantio da nova safra brasileira de soja chegava a 5% da área esperada, contra 2% na média histórica para esta época. O Paraná havia semeado 21%, contra 8% na média histórica, enquanto Mato Grosso e Mato Grosso do Sul ficavam com 5% cada um, contra 2% na média histórica (cf. Safras & Mercado).

A projeção de produção para a nova safra chega a 121 milhões de toneladas no Brasil, com 32,1 milhões no Mato Grosso; 19,6 milhões no Paraná; 18,1 milhões no Rio Grande do Sul; e 12,2 milhões de toneladas em Goiás (cf. Safras & Mercado). Nota-se que estes quatro Estados deverão produzir cerca de 68% da safra nacional da oleaginosa.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago ensaiaram uma alta, porém, não encontraram sustentação e o fechamento desta quinta-feira (04) não ficou muito distante do ocorrido uma semana antes, com o bushel registrando US\$ 3,67, após US\$ 3,64 na semana anterior. A média de setembro ficou em US\$ 3,52, contra US\$ 3,58/bushel em agosto e US\$ 3,47 na média de setembro de 2017. Assim, em relação há um ano, o bushel de milho está valorizado em 1,4%.

O mercado chegou a sofrer pressão altista diante de expectativas de chuvas importantes nas regiões de produção dos EUA, com prognósticos de que as mesmas superariam em 80% o nível médio histórico, fato que atrapalharia consideravelmente a colheita do cereal. Todavia, até o dia 30/09 a colheita chegava a 26% da área esperada, contra 17% na média histórica, não havendo problemas maiores.

Neste contexto, o próximo relatório de oferta e demanda do USDA, previsto para o dia 11/10, ganha importância, pois irá consolidar o quadro da colheita e seu volume final, assim como os estoques finais nos EUA e no mundo.

Em relação a isso, o relatório de estoques trimestrais, na posição 1º de setembro, anunciado no final de setembro, apontou um volume de 54,4 milhões de toneladas nos EUA, acusando um recuo de 7% em relação a igual momento de 2017. Entretanto, o volume ficou acima da expectativa do mercado, que esperava 50,9 milhões de toneladas.

Por sua vez, as vendas líquidas de milho por parte dos EUA, na semana encerrada em 20/09, registraram um volume de 1,71 milhão de toneladas, para este novo ano comercial 2018/19, iniciado em 1º de setembro. As mesmas ficaram acima do que o mercado esperava. O maior comprador foi o México com 623.200 toneladas.

Já Na Argentina a tonelada FOB de milho fechou a semana na média de US\$ 162,00, enquanto no Paraguai a mesma registrou US\$ 132,50.

Aqui no Brasil, os preços do cereal voltaram a subir, com a média gaúcha no balcão batendo em R\$ 38,16/saco, enquanto os lotes giraram entre R\$ 42,00 e R\$ 43,00/saco. Nas demais praças nacionais os lotes ficaram entre R\$ 24,00/saco nas regiões mato-grossenses de Sorriso, Sapezal e Campo Novo do Parecis, até R\$ 41,50/saco nas regiões catarinenses de Videira, Concórdia e Campos Novos.

O mercado interno brasileiro está relativamente paralisado na expectativa do resultado das eleições presidenciais. As incertezas quanto ao desfecho final e a busca por um reposicionamento em favor deste ou daquele candidato trava os negócios. Além disso, a forte revalorização do Real, na medida em que as pesquisas eleitorais apontam em favor da nova preferência do setor financeiro, acabam tirando competitividade das exportações.

Neste contexto, as exportações de milho brasileiras em setembro ficaram em 3,4 milhões de toneladas, abaixo do que o mercado esperava. O preço médio da tonelada ficou em US\$ 172,60.

Na região da Sorocabana paulista o saco de milho recuou para R\$ 36,00, enquanto o referencial Campinas veio a R\$ 39,00 no CIF disponível e no porto de Santos o produto foi cotado a R\$ 38,00.

Dependendo do resultado do primeiro turno, neste domingo 07/10, poderemos assistir a alguma movimentação mais significativa neste mercado na próxima semana.

Enfim, até o dia 28/09 o plantio da nova safra brasileira de milho de verão chegava a 28% da área esperada, contra 24,5% na mesma época do ano passado, com o Rio Grande do Sul registrando 57% de área semeada, Santa Catarina 39%, Paraná 36% e São Paulo 12% (cf. Safras & Mercado). No Rio Grande do Sul a expectativa de área mudou e, agora, espera-se 738.000 hectares cultivados. Se confirmada, tal área será 5,5% superior à registrada no ano passado, porém, ainda ficando como a segunda menor área cultivada com milho no Estado desde os anos de 1970 (cf. Emater).

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago oscilaram bastante nesta semana, porém, fecharam a mesma com leve viés de alta. O bushel do cereal ficou em US\$ 5,18 no dia 04/10 (quinta-feira), contra US\$ 5,13 uma semana antes. A média de setembro fechou em US\$ 5,03, contra US\$ 5,38 em agosto. Já em setembro de 2017 a média havia sido de US\$ 4,36/bushel. Isso significa dizer que no espaço destes últimos 12 meses o bushel de trigo se valorizou, ponta-a-ponta, 15,4%.

Apesar de o mercado sofrer a pressão baixista do relatório trimestral de estoques, posição 1º de setembro, o recuo das cotações não durou muito tempo. De fato, o relatório apontou estoques estadunidenses em 64,8 milhões de toneladas, ficando 5% acima do registrado em igual momento do ano anterior. O mercado esperava um volume ao redor de 64,2 milhões. Já a produção de trigo nos EUA, em 2018, deverá atingir a 51,2 milhões de toneladas, ficando 8% acima do total de 2017, que foi de 47,4 milhões de toneladas. O mercado esperava uma safra ao redor de 50,9 milhões de toneladas.

Dito isso, a quebra em diversos outros países produtores faz o mercado esperar uma tensão maior sobre os preços internacionais do cereal em 2019, fato que pode aumentar a demanda pelo trigo estadunidense. Neste sentido, o relatório de oferta e demanda do USDA, previsto para o dia 11/10, será importante.

No Mercosul, a tonelada FOB de trigo para exportação girou entre US\$ 210,00 e US\$ 215,00, enquanto a safra nova ficou cotada em US\$ 215,00, em ambos os casos na compra.

No Brasil, o mercado assume um viés de alta diante da consolidação de quebra na safra brasileira. Porém, nesta última semana, a forte revalorização do Real deixa as importações mais competitivas.

Assim, a média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 42,20/saco, enquanto os lotes registraram valores ao redor de R\$ 51,00/saco. No Paraná, o balcão permaneceu entre R\$ 46,00 e R\$ 47,00/saco, enquanto os lotes oscilaram entre R\$ 54,00 e R\$ 57,00/saco. Já em Santa Catarina o balcão se manteve entre R\$ 42,00 e R\$ 44,00/saco, enquanto os lotes ficaram em R\$ 52,50/saco. Nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul ainda não há pressão direta da nova colheita, pois a mesma ocorre a partir da segunda quinzena de outubro e, particularmente, em novembro.

No Rio Grande do Sul, no final de setembro se registrava alguma melhora nas lavouras, com 34% em fase de floração e 52% em enchimento de grãos, segundo a Emater local. Até aquele momento se esperava uma produtividade média de 50 sacos por hectare. Todavia, nos dias que se seguiram o Estado foi novamente atingido por fortes chuvas, acompanhadas de temporais e granizo que causaram estragos em muitas regiões produtoras. Resta agora contabilizar estes novos prejuízos.

Já no Paraná, a colheita chegaria a pouco mais de 50% da área neste final de semana, porém, estimam-se perdas de 35% de forma geral no Estado.

O retorno do câmbio à casa dos R\$ 3,80 a R\$ 3,90 por dólar deu mais competitividade ao trigo importado, porém, ainda este produto está mais caro do que o trigo nacional.

Resta saber em que parâmetros os preços do trigo brasileiro se estabelecerão a partir do término da colheita e a confirmação de perdas expressivas na produção, assim como na qualidade do produto.